

# João Goulart – 30 anos de Silêncio.

Pedro Henrique Torres

## Introdução.

O Caderno B do Jornal do Brasil do dia 10 de setembro de 1976 anunciava em letras garrafais: MAO – Poeta, Guerreiro e Líder<sup>1</sup>. A matéria que preenche todo o caderno traz uma enorme veneração ao líder comunista chinês Mao Tse Tung. Os crimes cometidos em nome da revolução chinesa ou da revolução cultural ainda não tinham vindo a público. Exaltar Mao Tse Tung e tudo que representava a revolução chinesa para o Ocidente na década de 60/70 pareciam uma provocação contra a ditadura militar brasileira.

Passados trinta anos, nenhum dos grandes jornais brasileiros fizeram questão de lembrar, ou de nos lembrar, do trigésimo aniversário da morte do líder chinês. A China já não é mais a mesma. Acredito que no momento de excepcional crescimento econômico, nem os próprios chineses fizeram muita festa pela memória de Mao. Nossos jornais, impresso ou televisivo, ao contrário, passaram os três dias que antecederam o dia 11 de setembro, relembrando a queda das torres gêmeas do World Trade Center em Nova York no ano 2001.

O que era mais interessante para os meios de comunicação? Nos fazer lembrar a China maoísta ou a queda das torres em Nova York? A memória é objeto de disputa, representa interesses políticos, econômicos e culturais. Por isso, tivemos três dias de “Atentado em NY”.

Essa pequena introdução pode parecer bem distante do título de meu trabalho: João Goulart – 30 anos de Silêncio. Mas não é. Exatamente no mesmo ano: 1976, dois ex-presidentes do Brasil morreram – Juscelino Kubitschek e João Goulart. Juscelino que vislumbrava a possibilidade de voltar à presidência em uma possível eleição de 1965, fora humilhado pelos militares em constantes interrogatórios<sup>2</sup>. Jango<sup>3</sup>, apelido de infância do presidente Goulart, jamais retornaria ao país que deixará em 1964.

---

<sup>1</sup> Caderno B. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1976.

<sup>2</sup> MUNTEAL Filho, Oswaldo (Org.) ; FREIXO, Adriano de (Org.) . A ditadura em debate: Estado e Sociedade nos anos do autoritarismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 204 p.

<sup>3</sup> Para uma biografia detalhada de João Goulart, ver MUNTEAL Filho, Oswaldo ; FREITAS, Jacqueline Ventapane . Verbete - João Goulart. In: Emir Sader; Ivana Jinkings; Rodrigo Nobile; Carlos Eduardo Martins. (Org.). LATINO AMERICANA. ENCICLOPÉDIA

Trinta anos mais tarde, em 2006, enquanto Juscelino Kubitschek é referência para políticos, sejam eles de esquerda ou da direita. E também tema de estudos e pesquisas, livros e objeto de produtos comerciais como minissérie televisiva, o presidente João Goulart fora novamente colocado em segundo plano e esquecido pela sociedade, pela academia e, sobretudo, por seu legado político.

## História, Cinema e Memória.

*Goulart, após 1964, foi execrado pela direita, desprezado pela esquerda e solenemente ignorado pela pesquisa universitária.*

*Jorge Ferreira.*

Um dos melhores documentos para o pesquisador interessado em estudar João Goulart, e que durante muito tempo foi um dos únicos, é o filme *Jango* de Silvio Tendler. Nas palavras do narrador, o texto do jornalista Carlos Castello Branco traduz o sentimento de seu fim, “*O Presidente João Goulart, sem condições de voltar ao Brasil, compelido a deixar a Argentina e aconselhado a não permanecer no Uruguai, morreu como peão perdido à procura de voltar ao seu galpão*”.

O filme *Jango*, do cineasta Silvio Tendler, foi produzido em 1984. É importante ressaltar que a conjuntura em que o filme é produzido, é marcada pela euforia provocada no processo de abertura política pós-ditadura militar.

O filme não trata só de Jango. “O diretor, lembrou que João Goulart existiu e foi protagonista de um momento singular da história do país”<sup>4</sup> Momento singular esse, em que o país viveu o início de seus piores e mais tristes dias de sua história. Jango, com o golpe parte para o exílio, primeiro no Uruguai e depois para Argentina, onde morreria sem poder voltar ao país de origem. A memória do ex-presidente havia sido apagada pela ditadura militar de 1964. Por que?

O filme lembra que João Goulart participou da política do Rio Grande do Sul e em 1950 tornou-se deputado federal pelo PTB. Logo depois, o então presidente Getúlio Vargas o nomearia Ministro do Trabalho. Como narra no filme “*Jango era o sangue novo que Getúlio queria para o trabalhismo*”. Em suma, seu possível herdeiro.

A constituição de 1946 tinha um dispositivo, em que se votava em Presidente, e separadamente para seu vice. Ou seja, era possível que um vice-presidente fosse eleito exatamente pelo principal partido de oposição ao do presidente. E por obra do destino, foi o que aconteceu nas eleições de 1961.

---

<sup>4</sup> FERREIRA, Jorge (org.). *Como as sociedades esquecem: Jango*. In: a História vai ao cinema..

A maioria da população escolheu o conservador udenista Jânio Quadros para presidência. E para vice o candidato do PTB, João Goulart. Com a renúncia inesperada de Jânio, Jango assume com uma plataforma de governo bastante diferente de seu antecessor.

É importante lembrar que apesar do sucesso eleitoral do PTB nos anos 50, o partido vivia um momento de redefinição ideológica. *“Em sua convenção de 1957, o PTB assumiu um projeto de cunho claramente reformista (...). No encerramento dos trabalhos, Goulart pronunciou um discurso radical e nacionalista a favor das reformas econômicas e soais”*<sup>5</sup>. E completaria a historiadora Lucília de Almeida Neves Delgado *“O PTB conheceu uma real guinada à esquerda da maioria de seus quadros”*

Quando na presidência, Jango, “fez o Brasil viver sua utopia”. A perspectiva de mudanças encheu um “trem de esperanças”, em um país de grandes desigualdades sociais. Para Silvio Tendler, Jango buscava a harmonia social, queria transformar a face perversa e selvagem do capitalismo, o queria mais humano. Seria possível?

Democratização do uso da terra, voto do analfabeto, disciplina dos aluguéis, bases justas para o salário mínimo, seriam esses os nortes das Reformas de Base. *“Jango, propunha o fim da fome e da miséria em um país em que a justiça sempre foi lado obscuro da democracia”*.

O então presidente Goulart recebia críticas, tanto da direita que o chamava de “inimigo do capitalismo” ou “fomentador da luta de classes”, quanto da esquerda que ansiava por reformas mais profundas. Em depoimento, Aldo Arantes, ex-presidente da UNE no período, afirma que a burguesia e as elites “não engoliam nem as limitadas reformas de base de Jango”.

Aldo lembra também para a radicalização vivida, principalmente pela formação na direita de grupos paramilitares de extrema direita, como o M.A.C. Aldo ressalta que era um momento de maior participação democrática no país, em que se buscava resolver problemas de cunho estrutural, como Reforma Agrária e redistribuição de renda, por exemplo.

De maneira inteligente, Silvio Tendler começa o filme mostrando a visita de João Goulart a China. Vale lembrar o contexto de guerra fria e o suposto alinhamento automático dos países com Washington. Como vice de JK e de Jânio, Jango mostraria para

---

<sup>5</sup> FERREIRA, Jorge (org.). *Como as sociedades esquecem: Jango*. In: a História vai ao cinema..

o mundo a peculiaridade da política externa independente brasileira. O então vice-presidente seria o primeiro representante latino americano a romper o “gelo” da Guerra fria em sua visita a URSS.

Certamente as imagens de Jango com Mao Tse Tung e Brejnev ficariam registradas na cabeça das elites e dos militares brasileiros. Jango, ao discursar no Congresso do Povo, mostrava ao mundo como queríamos nossa política externa: “*Viva a amizade cada vez mais estreitam entre a China Popular e os Estados Unidos do Brasil, viva a amizade dos povos asiáticos, africanos e latino-americanos!*”.

O historiador Jorge Ferreira, mostra que o “sentimento reformista e a expectativa de um país mais justo manifestaram-se também nas urnas. Nas eleições legislativas de 1962, o PTB passou de 66 para 116 deputados, reduzindo o numero de cadeiras dos partidos conservadores, enquanto o plebiscito que decidiu pela volta do sistema presidencialista, em janeiro de 1963, com o apoio de um amplo leque político, inclusive militar e empresarial, consagrou a liderança de Jango.”<sup>6</sup>

Entretanto, um grande esquema, sobretudo de comunicação político ideológico, era montado via IPES-IBAD. Mesmo assim, a propaganda não evitou a vitória do PTB em 62 e 63, porém estimulou e radicalizou a sociedade.

O Presidente, sem o apoio do PSD, dos Estados Unidos, que como mostra no filme, negava empréstimos ao presidente, mas negociava com os governadores de oposição como Carlos Lacerda, aproximou-se dos setores mais progressistas do PTB. A tradução disso seria o comício da Central do Brasil.

Para o historiador começaria aí uma *nova história*, em que Jango foi interpretado e lembrado somente pelo fracasso na mobilização social. “Nada de mobilização sindical, camponesa e popular em torno das reformas, nada de sociedade que apoiava o presidente em seu programa”. Para a esquerda revolucionária, o apoio do movimento sindical e dos trabalhadores seria “peleguismo”, “paternalismo”, ou até mesmo “desvio da linha justa e consciências desviadas dos seus “verdadeiros” e “reais” interesses”

O Golpe que viria da esquerda, veio dos militares conservadores. Em fevereiro de 1962, Wanderley Guilherme dos Santos publicava o número 5 do “Cadernos do povo brasileiro”, com o título *Quem dará o Golpe no Brasil* – “Que as forças do povo

---

<sup>6</sup> idem

disponham sua linha de frente da melhor forma possível e que lutem de modo mais encarniçado. Já está em marcha o golpe contra o povo; que se ponha em marcha, então, o povo contra o golpe, no Brasil”<sup>7</sup>

Mais do que um golpe militar, a queda de João Goulart representava a derrota de um projeto. Com ele perdeu a esquerda, os movimentos sociais, urbanos e rurais. Perderam intelectuais como Darcy Ribeiro, Celso Furtado e San Thiago Dantas que trabalhavam diretamente em seu governo. Perderam todos aqueles que acreditavam que o sonho de um Brasil mais justo e igualitário estava caminhando para sua concretização<sup>8</sup>.

Em recente livro publicado no final de 2006, Oswaldo Munteal, Jacqueline Ventapane e Adriano de Freixo escrevem, “Nesse momento, o projeto desenvolvimentista iniciado três décadas antes estava buscando incorporar de fato os setores populares, dentro de uma perspectiva nacionalista e reformista, considerando essa participação popular uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento do País.”<sup>9</sup>

Entretanto não podemos esquecer que parte significativa da população civil brasileira apoiou o Golpe de 1964. O exemplo mais marcante é a Marcha da Família com Deus e pela Liberdade. Também não podemos esquecer a influência dos meios de comunicação que expunham claramente sua insatisfação com o atual presidente.

A resistência da esquerda, ou o suposto golpe planejado pelo governo se mostrou inexistente. João Goulart não queria uma guerra civil e um “banho de sangue”. Era o fim de um curto período democrático. O fim de um projeto de desenvolvimento, um projeto de nação. “O Golpe de 1964 acelerou a dependência, travou o desenvolvimento e desarticulou a sociedade civil numa proporção nunca antes vista na história do Brasil. O pensamento sobre o nosso país paralisou nas décadas seguintes. As vertentes críticas do modelo de desenvolvimento saíram politicamente derrotadas numa luta árdua pela autonomia do Brasil diante dos interesses internacionais. Os modelos de interpretação da Cepal com Prebisch e Furtado, da teoria da dependência representada por Santos, Marini, Frank e Amin, assim como a tese de um desenvolvimento dependente e associado assinada por Faletto, Fernando Henrique e Weffort, assinalam um período em que o Brasil representava um problema para

---

<sup>7</sup> SANTOS, Wanderley Guilherme. Quem dará o Golpe no Brasil. 1962.

<sup>8</sup> MUNTEAL Filho, Oswaldo (Org.) ; VENTAPANE, Jacqueline (Org.) ; FREIXO, Adriano de (Org.) . O Brasil de João Goulart: um projeto de Nação. Rio de Janeiro: Contraponto e Editora PUC-Rio, 2006. 252 p.

<sup>9</sup> idem.

a Universidade. Havia, ainda que com limites, uma conexão entre os centros de pensamento e reflexão e a sociedade.”<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> *idem*.

## Exílio

João Goulart chega ao exílio em 4 de abril de 1964, tendo passado em Porto Alegre onde se encontrou com seu cunhado, o ex-governador do Rio Grande do Sul e então deputado Federal Leonel Brizola. Durante o período, o ex-presidente se manteve informado da conjuntura nacional, e se correspondia com políticos e amigos. Em uma carta para Doutel de Andrade em 4 de maio de 1964, João Goulart revela que *"com profunda mágoa, tomo conhecimento da opressão, injustiças e violências praticadas contra o povo e contra as pessoas que cometeram o único crime de serem meus amigos ou de apoiarem minha orientação, que entendiam certa para os destinos do país"*.<sup>11</sup>

Segundo Marieta de Moraes Ferreira, João Goulart *"recusou-se a aceitar diversos oferecimentos para regressar ao Brasil de maneira semiclandestina afirmando: "Não quero entrar pela porta dos fundos. Quando chegar ao Brasil, tenho que chegar ao aeroporto do Galeão, não a São Borja."*<sup>12</sup>

Sofrendo acusações e com um Inquérito Policial Militar, os cinco anos de investigações que se passaram, sem direito de defesa, fez muito mal ao ex-presidente. Jango que entrara em depressão, adocece e envelhece precocemente. Em 1973, a convite do então presidente da Argentina Juan Domingo Perón, vai morar na Argentina. Vindo a falecer na sua fazenda La Villa, no município argentino de Mercedes, vítima de um ataque cardíaco, sem ter conseguido regressar ao Brasil.

Sua morte teve grande repercussão tanto no Uruguai como no Brasil, a despeito da censura imposta ao noticiário relativo ao fato. Goulart foi sepultado em sua cidade natal, São Borja. O cortejo foi acompanhado por cerca de 30 mil pessoas, entre as quais políticos opositores e antigos colaboradores de seu governo.

---

<sup>11</sup> Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Verbete João Goulart.

<sup>12</sup> idem.



### 30 anos de silêncio

Silêncio. O presidente eleito e deposto por uma junta civil-militar, morrera sem poder retornar ao seu país desde o dia em que partiu rumo ao exílio no Uruguai, em 01 de Abril de 1964. No mesmo ano de 1976, outro ex-presidente Juscelino Kubitchek, sofrera um acidente de carro e também viria a falecer. O regime militar que controlava o país buscou de todas as formas impedir manifestações de solidariedade aos dois ex-presidentes.

Hoje, 30 depois, nós historiadores, que temos como possibilidade narrar, escrever e por fim construir a história e a memória de nosso país, nos deparamos este ano com as escolhas e privilégios de lembrarmos de uns e continuarmos esquecendo de outros.

Juscelino Kubitchek no seu trigésimo aniversário de morte, ganhou mini-série TV, livros que rapidamente estavam entre os mais vendidos, e todo o tipo de lembrança daquele que trouxe o “desenvolvimento ao Brasil”. Do outro lado, tão presidente quanto JK, tão ou mais desenvolvimentista que ele, falecido exatamente no mesmo ano – João *Jango* Goulart.

Como foi ou como está sendo lembrado Jango? O que faz a sociedade eleger JK em detrimento de Jango? A história, ao lembrar de uns esquece de outros. E quem faz essa opção somos nós.

Nas palavras de Marieta de Moraes “*A memória referente a João Goulart e seu governo tem sido pouco investigada nos meios acadêmicos e também recebido pouca atenção de atores sociais variados, como políticos profissionais, jornalistas e produtores culturais. Tal situação fica mais evidente quando se compara a memória de Jango com a de Juscelino Kubitchek. Este último personagem emergiu recentemente nos discursos dos políticos, nas reportagens de jornais e nas produções televisivas como líder maior da história do Brasil republicano (...) Nesse momento, cabe aos historiadores perguntar: por que um personagem histórico é guardado na memória coletiva de forma tão positiva? Ou ainda: por que outro personagem é alvo de atributos depreciativos que se perpetuam no tempo?*”<sup>13</sup>

---

<sup>13</sup> FERREIRA, M.M. João Goulart – entre a memória e a história. Rio de Janeiro, FGV. 2006.

João Goulart fora execrado tanto pela esquerda, quanto direita, comunistas ou conservadores. A direita e os conservadores, viam na figura do presidente, o avanço do comunismo no país, um governo popular, voltado para as bases, a instauração de uma República Sindicalista

Do outro lado, a origem de fazendeiro, grande proprietário de terras, sustentava a tese de que dificilmente Jango faria uma reforma agrária radical. Hércules Corrêa, membro do PCB e líder da CGT, reproduziu algumas declarações de Jango como: *“Eu não sou comunista, não quero o comunismo, não quero o socialismo. Defendo o capitalismo com democracia. Não conte comigo para fazer socialismo.”*

O objetivo dessa exposição era abrir, na medida em que fosse possível, um espaço para a reflexão sobre o silêncio, e acredito que podemos assim dizer, que foi a memória produzida por nós historiadores e por nossa sociedade em relação ao ex-presidente João Goulart.

Devo destacar que em maio de 2006, o Centro Acadêmico de História da PUC-Rio, promoveu um seminário intitulado: **João Goulart – 30 anos de Silêncio**. Nele estiveram presentes além da primeira dama Maria Thereza Goulart e sua filha Denise Goulart, a professora Emérita da UFRJ, Maria Yedda Linhares, o cientista político César Guimarães, os historiadores Oswaldo Munteal, Denise Rollember, Graça Salgado e Jorge Ferreira, e o jornalista Fernando Sá.

O evento lotou o auditório Padre Anchieta, e foi a certeza, tanto para a família Goulart, como para os futuros historiadores presentes, de que o Silêncio forjado, já não existia mais. No fim do ano de 2006, o ex-presidente também recebeu outras homenagens no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

## **Bibliografia.**

**BANDEIRA, Muniz. O governo João Goulart, as lutas sociais no Brasil: 1961-1964.**

**Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Verbetes João Goulart.**

**FERREIRA, Jorge (org.). *Como as sociedades esquecem: Jango*. In: a História vai ao cinema.**

**FERREIRA, M.M. João Goulart – entre a memória e a história. Rio de Janeiro, FGV. 2006.**

**MUNTEAL Filho, Oswaldo (Org.) ; FREIXO, Adriano de (Org.) . A ditadura em debate: Estado e Sociedade nos anos do autoritarismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 204 p.**

**MUNTEAL Filho, Oswaldo ; FREITAS, Jacqueline Ventapane . Verbetes - João Goulart. In: Emir Sader; Ivana Jinkings; Rodrigo Nobile; Carlos Eduardo. LATINO AMERICANA. ENCICLOPÉDIA CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE. São Paulo: BOITEMPO EDITORIAL / LPP-UERJ, 2006, v. , p. 602-603.**

**MUNTEAL Filho, Oswaldo (Org.) ; VENTAPANE, Jacqueline (Org.) ; FREIXO, Adriano de (Org.) . O Brasil de João Goulart: um projeto de Nação. Rio de Janeiro: Contraponto e Editora PUC-Rio, 2006. 252 p.**

**SANTOS, Wanderley Guilherme. Quem dará o Golpe no Brasil. 1962.**

**TENDLER, Silvio. Trechos retirados do Filme: *Jango*. 1984.**